

## 7. O mistério pascal dá sentido a tudo

Ter o sentido das coisas de Deus, como Jesus pede energicamente a Pedro, é uma abertura à palavra e aos acontecimentos que Deus diz ou determina, um deixar-se abitar daquilo que Deus quer, dá ou tira, com fé confiante que isto é bom para si e para todos. É um ouvir o acontecimento de Cristo, que Lhe permite nos moldar e transformar desde o coração, até a raiz de nossa liberdade.

Jesus não anunciava a morte e ressurreição aos discípulos para que *entendessem*, mas para que se abrissem a um fato que seria "explicado" por si mesmo, *acontecendo*, que teria dado sentido a si próprio, pois o mistério pascal é a origem e a consistência de todo sentido, do significado de tudo. Não devemos explicar o mistério pascal, dar um sentido; devemos permitir que o evento pascal explique tudo, dê sentido a tudo, começando por nós mesmos. Maria nos ensina que o pensar aquilo que é de Deus, só é possível se houver silêncio em nós, se encontra pobreza e abertura de coração. O silêncio de Maria em Nazaré, permitiu fermentar a palavra de Cristo em seu fazer-se fato.

Maria assume esta postura até a Cruz, até Pentecostes, por toda sua vida. Seja com Jesus aos doze anos seja em Caná, o horizonte simbólico definitivo para Maria é o mistério pascal, os dias e a Hora da morte e ressurreição do Senhor, e assim a Redenção do mundo como horizonte de cada gesto, de cada momento e pensamento do dia. Esta é a memória cristã, que transforma nosso coração e a nossa vida em seguimento, que permite a Cristo adentrar, avançar na salvação do mundo.

Voltemos a Pedro e aos outros discípulos, pois é como retornar em nós mesmos, ao nosso modo de viver de pecadores como somos, a vocação que Maria viveu com coração imaculado e, portanto, com liberdade incorrupta e total.

Quando Jesus, logo após a reprovação de Pedro, começa a instruir seus discípulos, o faz pedindo uma tal abertura de coração, que a morte e a ressurreição possam investir os discípulos como investem Jesus, encontrando nos discípulos a obediência e a disposição do coração, que Ele expressa ao Pai.

Após a duríssima correção feita a Pedro, Jesus imediatamente começa a exortar os discípulos para o caminho certo. Não rejeita ninguém, não se arrepende da vocação que nos deu. Tal como acontece com o Povo de Israel, Deus logo recomeça a fazer um caminho com os discípulos, que sempre perdem o caminho e caem bruscamente. Mas aqui a retomada tem uma intensidade, que poderíamos dizer *última*, pois Jesus está entrando no último tempo e realização da Sua missão.

"Em seguida, Jesus disse a seus discípulos: Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, recobrá-la-á. Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida? Ou que dará um homem em troca de sua vida?"

Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai com seus anjos, e então recompensará a cada um segundo suas obras." (Mt 16,24-27).

Lembremos, antes de tudo, que esta instrução de Jesus é expressa como reflexo do que acabou de anunciar de Si mesmo: "Desde então, Jesus começou a manifestar a seus discípulos que precisava ir a Jerusalém e sofrer muito da parte dos anciãos, dos príncipes dos sacerdotes e dos escribas; seria morto e ressuscitaria ao terceiro dia" (Mt 16, 21).

Sofrer muito, ser morto, ressuscitar: paixão, morte e ressurreição. Eis a cena, o quadro, ícone, o evento de fundo, ou melhor: de frente e dentro o qual Cristo descreve a seus discípulos suas vocações, o seguimento que são chamados a viver, a salvação, o lucro, a realização plena de suas vidas, do seu "eu", a realização final de quando Jesus vier na glória do Pai, e dará aos que consentiram refletir na própria existência o evento pascal do Filho de Deus.

Não é uma concepção dolorosa, masoquista e mortificante da vida que Cristo propõe, pois existe a ressurreição, existe a perspectiva real de encontrar a própria vida, de ganhá-la, isto é, de viver todo o valor que merece, pela qual foi feita, até o destino escatológico eterno, de sermos introduzidos na glória do Pai, graças ao abraço de Cristo, no encontro definitivo com Ele.

Mas esta realização, esta ressurreição da vida Nele, com Ele, Jesus propõe dentro de um realismo absoluto, que não engana, que não nos faz sonhar. Cristo não nos faz sonhar de longe com a ressurreição, a glória e realização como uma miragem, mas nos acompanha, nos precede, na experiência real da ressurreição. Não é possível ressuscitar sem morrer, não se pode fazer experiência da ressurreição sem passar pela morte, ou pelo menos o reconhecimento que estamos mortos e necessitamos da vida de um Outro.

O que é importante para ouvir em primeiro lugar, nestas palavras de Jesus, depois de anunciar sua paixão, morte e ressurreição é, antes de tudo, a nova concepção de nós mesmos, de nosso "eu", que o mistério da Páscoa nos revela. Salvação, para nós e para todos, consiste no acolher a comunhão de destino na glória do Pai, que Cristo veio nos dar. E veio para nos dar indo ao profundo da comunhão com o nosso destino de perdição, de abandono de Deus, de morte.

É o mistério expresso pelo ícone da Ressurreição, em que Cristo desce a mansão dos mortos para libertar Adão e Eva, e fazê-los subir para compartilhar a Sua glória, a Sua vida redimida e eterna. Quando Jesus diz a seus discípulos, quem o deseja seguir deve renegar a si mesmo, pegar a sua cruz, perder a vida, para ganhar uma vida de muito mais valor que o mundo inteiro, na verdade já descreve a cena da ressurreição, da redenção de Adão, libertando-o das garras da mansão dos mortos.